



## **Ricardo Cordeiro, ISCTE-IUL**

**Título da Comunicação:** *A assistência na cidade de Lisboa - o caso das Cozinhas Económicas, 1893-1911*

**Resumo:** Esta comunicação visa abordar a temática da assistência, sobretudo alimentar, entre os finais do século XIX e a primeira década do século XX em Lisboa, focando-se no caso particular da Sociedade Protectora das Cozinhas Económicas de Lisboa (SPCEL). Nos finais do século XIX a assistência na capital estendia-se por vários campos, desde a educação à saúde, passando pelo trabalho e alimentação, entre outros, providenciando em escalas diferentes o bem-estar quotidiano da população. As acções particulares extravasavam a acção do próprio Estado. A rede, ou as redes de assistência presentes em toda a cidade eram caracterizadas por uma geral desarticulação, não existindo relação entre os empreendimentos estatais e os particulares. Só com a república, com a criação em 1911 da Provedoria Central de Assistência Pública, é que se vai assistir a uma crescente coordenação dos numerosos organismos assistenciais existentes. No que concerne à assistência alimentar, dirigida essencialmente aos pobres e doentes, foi sendo providenciada ao longo de todo o século XIX, sobretudo, pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), mas de forma não permanente. A acção mais conhecida seria a “sopa dos pobres”, passando mais tarde a “Sopa da Caridade”, cuja origem remontava à década de 1850. Para além da SCML muitas outras instituições distribuía refeições ou alimentos durante o seu funcionamento quotidiano. As cantinas escolares, asilos, hospitais e diferentes associações eram exemplo disso.

A SPCEL cujo objectivo era “promover a instalação de estabelecimentos próprios para fornecer uma alimentação sã, limpa e abundante, para as classes operárias e menos abastadas, por preços acessíveis aos meios que dispõem”, valorizou o plano, a organização e o sistema. Esta instituição pretendia ganhar um estatuto nacional com um forte impacto, melhorando a qualidade de vida das classes operárias. Ao contrário da

generalidade dos organismos assistenciais, esta instituição não pretendia dar enquanto acto de caridade, mas sim vender e servir refeições enquanto acto “moralizador” das classes operárias, seguindo padrões de qualidade e higiene. Perante este contexto pretende-se levantar hipóteses de resposta a diversas questões que se impõem na análise das cozinhas económicas enquanto instituição assistencial. A primeira parece inevitável: quais os impactos e o alcance social que as Cozinhas Económicas de Lisboa, enquanto organismos avançados da SPCEL, produziram entre a população da capital, mais concretamente entre os operários, nos dezoito anos que decorreram entre 1893 e 1911? Que estrutura e modos de funcionamento assumiu esta instituição? Onde estavam localizadas as cozinhas e que estratégias seguiram para alcançar os seus objectivos? Estas e outras questões serão colocadas para que possamos verificar se a SPCEL foi um caso de sucesso ou não, num ambiente assistencial que se pautava pela insuficiência e desajuste face às necessidades da época.

**Palavras-Chave:** assistência, alimentação, operários, Lisboa.